

"Olharão para Aquele que transpassaram" (Jo 19,37)

Os que sofrem, contemplando o Transpassado: Reflexões teológico-existenciais

Dom Esébio Oscar Scheid, SCJ
Arcebispo de Florianópolis

INTRODUÇÃO

Este ano procura ser cristocêntrico, mais que outros, em vista da preparação do Terceiro Milênio. Concentrar-se no mistério íntimo de Cristo foi sempre uma das mais gratas tarefas de teólogos, místicos ou mesmo, de hagiógrafos. Pelo presente artigo, escrito para um Congresso Cristológico, procuramos olhar para o Transpassado com os olhos da fé e da caridade, fixados nos que, ainda hoje, mais de perto reproduzem a imagem do Cristo crucificado.

Não pretendemos elaborar grandes elucubrações sobre o tema do sofrimento ou do Transpassado. Colocamo-nos, com toda a objetividade possível, frente ao Senhor transpassado, partindo de nossa realidade existencial, impregnada de sofrimento individual e social. Vamos em busca de uma resposta de fé, capaz de animar, e inclusive de transformar o prosaico de nossa vida dolorosa em caminho de esperança.

Quiséramos que a Teologia fosse vida para nós. Neste sentido, consideramos o homem que sofre, e muito especialmente os enfermos, como "a viva imagem do Transpassado"¹. Deixamo-nos guiar pela liturgia da missa do Sagrado Coração, a qual, como conclusão da celebração eucarística do amor, nos exorta a voltar constantemente para o Filho de Deus "a fim de saber reconhecê-lo em cada um de nossos irmãos"².

Partimos de uma convicção muito realista e existencial: estamos convencidos de que aquele que sofre, o enfermo, o moribundo, é o que *melhor se*

identifica com o mistério do Transpassado. Queremos ser muito sinceros e leais com nossos colegas e co-irmãos. Sempre tivemos a impressão, e continuamos tendo, de que muitos problemas e objeções recentes contra o culto ao Coração de Jesus se fundamentam em que o conteúdo central deste culto está muito distanciado da realidade concreta em que o homem atual vive e sofre cotidianamente. Se a contemplação do Transpassado não nos levar à sintonia, à "empatia" com as alegrias e as esperanças, as tristezas e as ansiedades dos homens de hoje, em particular com os mais pobres e os que mais sofrem³, essa contemplação será estéril, inútil e estará fora da realidade. Será uma falsa contemplação.

Sabemos muito bem que São João escrevia aos homens e às comunidades de sua época, que passavam por uma etapa particularmente difícil. Perseguições, martírios, desalentos, atentados contra a ortodoxia, opressões e marginalizações os assaltavam por todos os lados. Para estes "filhinhos" em dificuldade, o apóstolo a quem "Jesus amava" descreve a cena da "transfixão" do lado de Jesus como sinal de esperança e vitória.

Este é precisamente o fim que nos propomos. Trataremos de vincular teologicamente a situação do enfermo, daquele que sofre, do moribundo, com a cena descrita pelo Evangelista, no c. 19,34-37. Estamos convencidos de que nos enfrentamos aqui com um dos problemas mais agudos de nossa época, de nossa situação existencial e histórica.

Estas modestas considerações são o fruto da participação e da experiência cotidiana no sofrimento de muitas pessoas com quem tomamos contato nos hospitais, nas ruas, nas famílias... Ao invés de partirmos para lamentações estéreis, em atitudes de re-

*"Queremos assumir
uma atitude de fé
consciente e
responsável diante
do mistério do
sofrimento"*

belião ou em crise de desespero, queremos assumir uma atitude de fé consciente e responsável diante do mistério do sofrimento. Com a dignidade de quem "*se mantém de pé junto à cruz do Senhor*" (cf Jo 19,25), queremos tirar alegremente, das fontes mesmas da dor-alegria (cf Is 12,3), a visão de esperança e a certeza da Páscoa.

Os ateus e desesperados dirão que isto é uma atitude alienante, uma espécie de ópio e de fuga da realidade inalienável. Lamentamos tal ilusão! Para nós, ao contrário, é a única maneira de seguir o Cristo até à perfeição da caridade, já que Ele não nos quis revelar inteiramente o mistério do sofrimento. Ele o assumiu, e isto é suficiente para que possamos compreender o seu valor⁴. Não negamos, de imediato, que o sofrimento (sob qualquer de suas formas) deixe de nos impactar e desconcertar. Representa - como muito bem dizia Gabriel Marcel - uma espécie de escândalo e de rebelião existencial:

"Mesmo supondo que o sofrimento é também uma graça, e que, no auge da nossa ascensão terrena, podemos compreendê-lo e amá-lo como tal, é antes de tudo um escândalo e, na maioria das vezes, os filósofos detestam o escândalo... O sofrimento existe, e uma voz que provém do mais profundo de nós mesmos, uma voz que não se deixa reduzir ao silêncio, nos grita que ele não deveria existir. Aí está o escândalo"⁵.

Nosso objetivo é eminentemente pastoral. Nossa intenção consiste em partir dos imperativos que emanam do "Amor transpassado", para apresentarmos em apoio aos enfermos, de todos os que sofrem e de quem se encontre transpassado pela falta de caridade. Rogamos ao Senhor que *os rios de água viva que correm de seu seio* (cf Jo 7,37-39) nos impulsionem à compaixão, para *chorar com os que choram* (Rm 12,5) e *fazer-nos tudo para todos, a fim de salvar alguns a todo custo* (1Cor 9,22).

Não queremos salientar "verdades frágeis", das quais se queixam freqüentemente os que sofrem, mas apresentar-lhes a fecundidade consoladora do sofrimento evangélico, do sofrimento unido ao de Cristo, do sofrimento que é complemento verdadeiro e prolongamento pascal do Transpassado: "Temos, no entanto, algo mais profundo e mais precioso para oferecer-vos, a única verdade capaz de responder ao mistério do sofrimento e de brindar-vos um alívio sem engano: a fé e a união ao Senhor das dores, ao Cristo, Filho de Deus, crucificado por nossos pecados e por nossa salvação"⁶.

1. O TRANSPASSADO, O SOFRIMENTO, A REDENÇÃO

Contemplando o Transpassado, comprovamos a veracidade concreta e historicamente demonstrada de que *sem efusão de sangue não há redenção* (Hb

9,22). No Calvário, a redenção alcançou seu ponto culminante: "Pois, do lado de Cristo, dormindo na cruz, nasceu o admirável sacramento de toda a Igreja"⁷. O sangue e a água significam o começo e o desenvolvimento da Igreja. Por essa razão, torna-se evidente também que "o mistério da Igreja não poderá ser devidamente compreendido, a não ser que a inteligência fixe sua atenção no amor eterno do Verbo encarnado, do qual o Coração transpassado de Jesus é o símbolo esplêndido"⁸. Na redenção vemos como se intensificam os dons infinitos que o amor do Transpassado deixou ao seu povo: os sacramentos e a graça⁹.

Sobre este ponto, a Teologia patrística mostrou-se exuberante e eloquente¹⁰. Nós a deixamos de lado conscientemente. Preferimos acrescentar algumas considerações de um autor medieval, pouco conhecido e muito controvertido, que recebeu o pomposo título de "Mediaevalis doctor Cordis Jesu": **Ubertino de Casale** (+ 1325?). Apesar de não haver sido incluído pela "*Haurietis Aquas*" na lista dos que se distinguiram no estabelecimento e promoção cada vez maior deste culto¹¹, ele deve ser considerado como o Apóstolo medieval do Coração de Jesus¹². Citaremos somente algumas passagens ilustrativas.

"O fundamento e a raiz de toda graça e mérito vêm da dor do coração e de todo o corpo do Cristo crucificado"¹³. "Para que se cumprisse a Escritura que diz: *Olharão para Aquele que transpassaram*, a vontade de Deus quis que um dos soldados lhe atravessasse o sagrado lado com a lança. O preço da nossa Salvação foi pago com o brotar de sangue e água. Este preço, vindo do Cristo-fonte, ou seja, do Sagrado Coração transpassado, inundou a Igreja, mediante os Sacramentos, para outorgar a vida da graça. Para quem já renasceu em Cristo, essa mesma fonte é uma bebida do manancial vivo que flui até os confins da vida eterna"¹⁴.

"Quem não vê ali (no coração transpassado) abertas as cataratas do céu para que irrompa o dilúvio de graças, a fim de afogar nossa enorme soberba e nossa impureza carnal? Dir-se-ia que Cristo estivera por inteiro destilando sangue. Seu amor inunda tudo. Para que o dilúvio seja completo, romperam-se as fontes do abismo: as portas vitais do Coração de Cristo.

A lança nada poupou: penetrou até o mais íntimo"¹⁵.

*"A aceitação
consciente dos
sofrimentos,
consagrados
original e
radicalmente
pelos de Cristo"*

E assim termina o autor: "Por conseguinte, quem não é atraído pela fonte amorosa do Cristo, sabe que não pertence ao seu rebanho..., a não ser que penetre no Coração manso do Cristo para transformar-se em bebida digna do seu amor"¹⁶. Como dado de fé, isto tudo nos parece encantador e muito coerente. Contudo, a experiência humana diz quase ao contrário: rebeldia e inclusive repugnância, diante do sublime acontecimento salvífico da cruz. Mesmo que Cristo considere a transfixão como "sua hora" e a ocasião de *atrair todas as coisas a si* (cf Jo 12,32), seu coração também experimentou - na esfera humana e sensível - a *loucura* da cruz e da lança (cf 1Cor 1,18).

Aqui está a linha divisória entre o desespero e a esperança, entre a heroicidade do martírio e o fracasso da rebelião. Por um lado, ressoa sempre o "*afasta de mim este cálice*", contrapondo-se ao desejo de identificação com os impulsos da obediência amorosa

"Somente aquele que saiba penetrar o sinal profético do Transpassado, compreenderá também o mistério da glorificação"

do Transpassado: "*No entanto, não se faça a minha vontade mas a tua*" (Mt 26,42). Como bem diz Ubertino de Casale, é necessário pertencer ao rebanho do Cristo para penetrar nos segredos mais íntimos de seu Coração. Somente ali descobrimos o que o Vaticano II

chama, na sua mensagem final, "a utilidade dos sofrimentos em favor da Igreja agradecida, a predileção do Reino e a fraternidade com Cristo sofredor"¹⁷.

A aceitação consciente dos sofrimentos, consagrados original e radicalmente pelos do Cristo, é um dos aspectos da nossa união ao seu mistério: a participação nos sofrimentos do Cristo completa a função de redenção subjetiva e de colaboração com a Igreja e com a salvação do mundo: "Se quereis, vós podeis salvar o mundo com Cristo"¹⁸.

São Paulo, mestre do sofrimento, declara de forma explícita: "*Agora eu me regozijo nos meus sofrimentos que suporte por vós, e completo, na minha carne o que falta às tribulações de Cristo, pelo seu Corpo, que é a Igreja*" (Cl 1,24).

Alegra-nos citar aqui as belas reflexões de Teilhard de Chardin, que contêm maior vigor e realismo pelo fato de terem sido escritas no sofrimento, durante as "transfixões" da guerra: "Num organismo tão vasto como o Universo, um grande número de boas vontades e de recursos ficam sem uso, e uma infinidade de fracassos é o preço de alguns poucos êxitos. Os obscuros, que não sobressaem, os inúteis, os frustrados, devem alegrar-se com a superioridade

dos outros, dos quais eles sustentam ou pagam o triunfo. Tudo isto é muito duro. O mundo, a submissão ao mundo e o dever de servir ao mundo são pesadas cargas, como uma cruz. Para forçar-nos a acreditar nele, Jesus quis - superando os caminhos da terra - erguer-se em forma de crucifixo, símbolo no qual todo homem pode reconhecer sua própria e verdadeira imagem.

"Quiséramos poder duvidar e esperar que a dor e a maldade fossem condições transitórias da vida, as quais a ciência e a civilização eliminariam algum dia... Sejamos mais realistas e tenhamos a coragem de olhar a existência de frente. Quanto mais a humanidade se aperfeiçoa e se complica, tanto mais se multiplicam as ocasiões de desordem e se acentua sua gravidade. Não se levantam, com efeito, montanhas, sem cavar abismos, e toda energia é igualmente poderosa para o bem e para o mal. Tudo o que vai ocorrendo, traz sofrimento ou pecado. A verdade sobre nossa atitude, neste mundo, é que nele nos encontramos na cruz.

"Todavia, Cristo não quis que sua imagem dolorosa fosse uma simples advertência, dirigida ao mundo de uma vez para sempre. No Calvário Ele continua sendo, de maneira especial, o centro de confluência e de apaziguamento de todos os sofrimentos terrenos... Aliás, a única maneira de avaliar a imensidade de sua agonia é descobrir nela uma angústia, eco de todas as angústias, um sofrimento 'cósmico'. Por meio de sua Paixão, Jesus sentiu que, na sua alma abandonada e destroçada, levava o peso de todas as dores humanas numa síntese prodigiosa e infável. Assumiu-as todas, experimentou-as todas... E, ao admiti-las no interior de sua consciência, transfigurou-as... Sim, não existe para a alma atitude mais engrandecedora do que a de abrir-se ampla e ternamente - com e em Cristo - à simpatia para com todo sofrimento, à 'Compaixão Cósmica'..."¹⁹

2. IDENTIFICAÇÃO COM O TRANSPASSADO

Uma das coisas mais importantes para quem sofre consiste em ver, no Cristo, não somente alguém que ensina uma doutrina sobre o sofrimento, mas uma Pessoa divina que *veio tomar sobre si nossas dores* e nos deu o exemplo concreto do homem que sofre: *Com efeito, não temos um sumo sacerdote incapaz de se compadecer das nossas fraquezas, pois ele mesmo foi provado em tudo como nós, com exceção do pecado* (Hb 4,15).

Jesus não é um simples mestre do sofrimento, como outros corifeus de escola, mas um exemplo vivo e a experiência vivida da dor para quem o segue. Jesus faz da experiência suprema do sofrimento a revelação mais profunda de si mesmo, a epifania do seu "eu" mais oculto: *Quando tiverdes elevado o*

*Filho do Homem, então sabereis quem Eu Sou (Jo 8,28)*²⁰.

O coração transpassado do Senhor e Mestre constitui, assim, um convite permanente a seus discípulos sofredores que vão depois dEle e o seguem. Este caminho os conduzirá ao encontro do alívio e do descanso (cf Mt 11,28-30), e da água sobre o solo sedento e correntes sobre a terra seca (Is 44,3).

Cristo mesmo se identifica com os enfermos. Eles são a representação e a perpetuação do mistério do Cristo e de sua epifania de amor, no tempo e no espaço, até o fim do mundo: *Estive enfermo e me visitastes...; quando o fizestes a um desses meus irmãos mais pequeninos, a mim o fizestes* (Mt 25,40). O Vaticano II, na sua mensagem aos que sofrem e aos enfermos, repete as mesmas afirmações com um realismo impressionante: "Vós sois aqueles com quem Jesus se identificou, como imagem transparente"²¹.

O sofrimento, contudo, a transfixão do Cristo, não é apenas um fato histórico estático. Não é um fim em si mesmo. É o caminho traçado dentro do plano (oikonomia) de Deus, com o objetivo de glorificar ao homem, a esse homem "hipostasiado" na pessoa do Verbo: *Não era preciso que o Cristo sofresse tudo isso e entrasse em sua glória?* (Lc 24,26). Do mesmo modo, os "enfermos, contemplativos" do Transpassado, são levados, pela adesão da fé, à certeza-realidade da glória e ao triunfo da vida sobre a morte. Seguindo, passo a passo, o Cristo sofredor, submergem no "clima" da glorificação. São associados psicológica e efetivamente ao mistério pascal do Senhor.

Sabemos que, para o evangelista João, a imagem do Transpassado é a do Cordeiro imolado, que representa o ápice de seu testamento evangélico e um dos pontos centrais do Apocalipse²². A imolação e a transfixão são também o ápice e a base da glória. Poderíamos, em consonância com tudo isto, citar o célebre texto de São Paulo: *Humilhou-se a si mesmo, obedecendo até a morte e morte de Cruz. Por isso Deus o exaltou e o agraciou com o nome que está sobre todo o nome*" (Fl 2,5-11). Desse modo, para os que sofrem, sua situação será a preparação e a passagem para o ponto culminante, para a abertura suprema à manifestação da glória do Senhor neles e, através deles, no Universo.

Somente aquele que saiba penetrar o sinal profético do Transpassado, compreenderá também o mistério da glorificação. Leva-nos a esta conclusão a atitude, inicialmente recalcitrante, de Tomé, dos discípulos de Emaús e de São Paulo. Este, depois de haver aprofundado o mistério inesgotável das riquezas do Cristo, conclui: *Somos co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com Ele, para também com Ele sermos glorificados* (Rm 8,17). *Fiel é esta palavra: Se com Ele morremos, com Ele também viveremos; se*

nos mantemos firmes, também reinaremos com Ele" (2Tm 2,11-12).

Esta maneira de ver as coisas é, para São Paulo, uma espécie de privilégio, é a máxima coerência com nossa vida de fé. *Pois vos foi concedida, em relação a Cristo, a graça não só de crerdes nele, mas também de por ele sofrerdes* (Fl 1,28-30).

3. O TRANSPASSADO, FONTE DE PAZ

Um dos efeitos mais trágicos do pecado de nossos primeiros pais tem sido a desordem que se produziu no homem e, em consequência, no Universo. O homem, enganado, ultrapassa os limites fixados pela Bondade e a Sabedoria divinas, que lhe garantiam sua plena realização na paz. "A paz é a tranquilidade da ordem", dizia Santo Agostinho. Através daquela culpa, a família humana começou a sofrer a desordem de muitas maneiras. Foge de Deus, seu amigo e interlocutor, para fechar-se no mutismo de sua própria miséria e ignomínia; a criação, que era *muito boa* (cf Gn 1,31), começa a molestar o homem, inclusive na sua agradável colaboração com o desenvolvimento do mundo, mediante o trabalho e a transmissão da vida (cf Gn 3,16-19); criado para a imortalidade, o homem aprende a sentir a morte, não como uma verdadeira Páscoa - encontro face a face com Deus -, mas com todo o peso da angústia, da dúvida e do temor diante do mergulho definitivo no desconhecido... A morte, que deveria ser um "descanso na paz", apresenta o caráter de um enigma, de uma incógnita carregada de aflição e de terror. Na esfera social, a desordem se comprova ainda mais: acusações recíprocas (Gn 3,12-13), fratricídios (Gn 4,4-15), discórdias comunitárias e aberrações totais (Gn 6,1-6; 11,1-9; 19,11-28).

Entretanto, em meio a esse obscuro passado-presente de sofrimento, causado pela desordem, irão surgindo lentamente as esperanças de uma restauração do homem e do universo. Desde as promessas até as profecias messiânicas, todas possuem a característica de renovação, de "re-estruturação" e de reordenação do ser humano e cósmico. Pela mesma razão, o Salvador deverá aparecer como quem volta a conduzir o homem a Deus, como quem vem *buscar o que se havia perdido e curar o que estava enfermo* (Mt 18,11), e como consolador de Israel, como príncipe da paz e como a mesma paz" (cf Is 9,6; Ef 2,14):

*Sim, sua salvação está próxima dos que o temem...
A justiça caminhará à sua frente,
e a paz sobre o sinal de seus passos* (Sl 85, 8ss).

*Em seus dias florescerá a justiça
e muita paz até o fim das luas* (Sl 72,7).

*Porque um menino nasceu para nós,
um filho nos foi dado,
o domínio repousará sobre seu ombro,
e o seu nome será:
'Admirável-Conselheiro', 'Deus-Poderoso'
'Pai-Sempre', 'Príncipe-da-Paz',
Grande é seu domínio e a paz não terá fim...
(Is 9,5-6).*

Quando, antes da paixão, o Cristo se despediu de seus discípulos, prometeu-lhes a paz verdadeira, a sua paz, que não deve ser confundida com a simples paz política ou mundana (Jo 14,27). A paz que promete se fundamenta e tem sua raiz nele mesmo (cf Jo 16,33).

Tem-se dito que "o Evangelho é a mensagem do pecado"²³... Isto é aceitável somente na medida em que é o feliz anúncio da destruição do pecado, de tal maneira que o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo (Jo 1,29) é, por isto mesmo, o Príncipe da paz, o cordeiro pacífico, o cordeiro artífice da paz, que pacifica mediante o sangue de sua cruz, o que existe na terra e nos céus (Cl 1,20; 2Cor 5,19).

O Senhor Jesus dá aos seus apóstolos, como primeiro fruto de seus sofrimentos, o dom da paz reconquistada: *Ao entardecer daquele primeiro dia da semana, estando fechadas, por medo dos judeus, as portas do lugar..., Jesus veio e, pondo-se no meio deles, lhes disse: 'A paz esteja convosco'. Tendo*

dito isto, mostrou-lhes as mãos e o lado... e repetiu: 'A paz esteja convosco' (Jo 20,19-26).

Como dolentes, enfermos e oprimidos sob o jugo da dor, contemplamos mais uma vez o Transpassado. Esse manar sangue e água representa o preço da

conquista da nossa paz. A piedade medieval via, no Coração aberto do Cristo, o próprio centro da paz. Na sublime oferenda do Cristo ao amor do Pai em favor da humanidade, encontra-se, em última instância, o homem novo, criado à imagem de Deus, na justiça e na santidade da verdade (Ef 4,24).

Temos assim outra vez o homem re-edificado, na adesão plena a Deus e ao próximo: o homem em paz e, então, artífice da paz. Por isso, nas ladainhas do Sagrado Coração, imploramos: "Coração de Jesus, nossa paz e reconciliação, tende piedade de nós".

Como quem completa na sua carne o que falta aos sofrimentos do Cristo (cf Cl 1,24), os que sofrem são associados à obra grandiosa de pacificação do

"Os que sofrem são associados a obra grandiosa de pacificação do homem e do universo"

homem e do universo. Como imagens transparentes do Transpassado, esforçam-se para que cessem as divisões e divergências e se estabeleça a paz. A todos eles fazemos o convite de Ubertino de Casale: "Penetra, pois, nesta morada bendita da paz. Entra nesta morada admirável. Jamais abandones a tranquilidade da paz do Sagrado Coração"²⁴.

4. O TRANSPASSADO, ESCOLA DE AMOR

A maior afinidade, no entanto, entre o enfermo, que sofre e morre, e o Transpassado, está na demonstração de amor. Isto parece quase um paradoxo, e talvez até uma contradição. Enquanto muitos se revoltam contra a enfermidade, a dor e o sofrimento, como se fossem a prova da crueldade de Deus, outros fazem dessa situação "uma ponte através da qual o amor vai e vem"²⁵. A propósito, detalhemos esta última idéia: "O vai-e-vem do amor".

A maior prova do amor, por parte do Pai, é o dom de seu Filho em sacrifício pelos homens. São Paulo o comprova, dizendo: "Desde toda a eternidade fomos escolhidos e predestinados pelo amor do Pai, amor que se revelou e se demonstrou pela encarnação de seu Filho. Porém não somente isso: Deus provou seu amor por nós, pecadores, declarando-se a nosso favor. Ele não perdoou nem ao seu próprio Filho, mas o entregou por todos nós (Rm 8,29-32). Todo o resto, ou seja, as outras provas de seu amor, não são senão redundância deste gesto supremo do amor do Pai.

A mesma afirmação encontramos em diferentes textos de São João: *Pois Deus amou tanto o mundo que entregou o seu Filho único (Jo 3,16). Nisto consiste o amor: não fomos nós que amamos a Deus, mas foi ele quem nos amou e enviou-nos seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados (1Jo 4,10).*

O Salvador mesmo prova a grandeza de seu amor pela aceitação livre e voluntária (cf Jo 10,18) de sua paixão e de sua morte: *Ninguém tem maior amor do que aquele que dá a vida por seus amigos (Jo 15,13). Por sua vez, São Paulo nos diz: Minha vida, presente na carne, eu a vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2,20). O mesmo Apóstolo, aos fiéis da comunidade de Éfeso exorta a crerem no amor, a exemplo do Cristo, que nos amou e se entregou por nós como oblação e vítima de odor suave (Ef 5,2).*

O Senhor Jesus, tendo amado aos seus... até o extremo (Jo 13,1), selou com eles um pacto de amizade perpétua, completando em seu sangue todas as "figuras" que haviam precedido como propedêutica ou pedagogia do pacto de amizade no amor doloroso. Ora, o último selo deste pacto de amizade, encontramos-lo no alto do Calvário. O Coração Transpassado representa este selo memorial até o fim dos tempos, e

inclusive por toda a eternidade: *Olharão para aquele que transpassaram* (Jo 19,37 cf Zc 12,10).

A hagiografia tem provado, com abundância, que os que mais seguiram os passos do Cristo, compreenderam perfeitamente a lição do Mestre. Desde os sofrimentos de Abel, de Abraão, de Jó, de Tobias e dos Macabeus, passando pelo testemunho dos mártires, das santas virgens, dos confessores e dos doutores da Igreja, a atitude fundamental de todos eles pode sintetizar-se na expressão de santa Teresa d'Ávila: "Ou padecer ou morrer". Sobre isto, os enfermos e os que sofrem devem concentrar sua atenção nos seus esforços de configuração com o Transpassado. A dor, a enfermidade, inclusive a própria morte pessoal, devem ser vistas como "a ponte por onde o amor vai e vem...". Na lógica do mistério pascal de Cristo, os múltiplos sofrimentos conduzem o amor de Deus até nossas pessoas e nossas vidas e, da nossa parte, transportam nosso amor até o coração mesmo de Deus através do Coração transpassado do Filho único. Aqui nos encontramos diante do sublime mistério da dor e do amor.

5. O TRANSPASSADO, CONVITE PERMANENTE À CONFIANÇA

Uma das atividades espirituais mais significativas e expressivas, na espiritualidade que se fundamenta no Coração do Cristo, é a confiança e, no ponto culminante desta virtude, o *abandono*. Atitude que é consequência lógica de nossa fé e de nosso amor. Com efeito, quem se abandona em Deus, num gesto de total confiança, crê e ama *verdadeiramente*.

Contemplando o Transpassado, ressoam, em nossa intimidade profunda, as palavras do mais intenso abandono do Cristo-vítima:

Pai, em tuas mãos entrego meu espírito (Lc 23,46). Depois disso, a transfixão é apenas o sinal e a lembrança dessa confiança total. É um convite e uma exortação para todos os que contemplam o Transpassado. Naquela hora, a situação do Cristo era uma verdadeira situação-limite: extremamente debilitado, é-lhe exigida uma redobrada força, uma vitalidade maior.

É o paradoxo da fé e do sacrifício. Porque, precisamente na debilidade de nossa limitação, é que alcançamos melhor a força de Deus, sua ajuda e o apoio de suas mãos: *Por isto, eu me comprazo nas minhas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições e nas angústias sofridas por Cristo; pois, quando sou fraco, então é que sou forte* (2Cor 12,10; 13,3-4).

Numa hora tão importante da vida, é necessário lembrar estas grandes verdades fundamentais de

nossa fé: - *Deus é amor* (1Jo 4,8). - *Deus é bondade e compaixão, lento para a cólera e rico em graça e fidelidade* (Ex 34,6).

A fé nos recorda que, na ordem sobrenatural da graça, do mérito e da vida divina em geral, *nada podemos* sem a presença ativa de Cristo (cf Jo 15,5). Nas horas difíceis, horas de verdadeiras agonias, *experimentamos concretamente* tais verdades. A fé se transforma em atitude coerente com nossa vida. A teologia passa a ditar-nos regras vitais... O sofrimento, a enfermidade, a agonia, revelam-nos o rosto de um Deus que é Pai, de um Cristo que é amigo e companheiro, e de um *Espírito que se difundiu em nosso coração* sofredor e agonizante (cf Rm 5,5).

Quando, mesmo sem querer, a dúvida se agita dentro de nós, levantamos os olhos para o Transpassado e exclamamos com São Paulo: *Nós sabemos que Deus coopera em tudo para o bem daqueles que o amam, daqueles que são chamados segundo o Seu designio* (Rm 8,28). Devemos dizê-lo com toda a simplicidade: o Transpassado é convite e apoio para a confiança e para o abandono.

Poder-se-iam citar, neste contexto, as considerações de Sören Kierkegaard: "Não existe, portanto, nada a temer no mundo: nenhuma coisa que possa arrebatá-la tua própria força e deixar-te totalmente débil; nada que possa quebrar qualquer confiança dentro de ti e deixar-te totalmente débil; ou que possa dobrar inteiramente tua coragem terrena e deixar-te totalmente débil. Com efeito, quanto mais fraco te tornas, mais forte se faz Deus em ti"²⁶.

Num ambiente de confiança e de abandono, ampliam-se os horizontes da esperança. Abre-se, para nós, uma nova escala de valores, em oposição à falsa escala que geralmente domina a vida da maior parte das pessoas. Em lugar de refugiar-nos na rebeldia de um ateísmo blasfemo, lancemo-nos, com uma atitude de conformidade, para o Transpassado. E concluamos, ainda com Kierkegaard: "A adversidade pode quebrantar tão somente a quem rechaça a ajuda da eternidade; porém a quem se serve dela, a pressão da adversidade o levanta. A adversidade somente pode arrebatá-la a esperança daquele que não quer ter a esperança da eternidade; para quem a quer, porém, a adversidade favorece"²⁷.

6. O TRANSPASSADO E A "MINHA HORA"

Estou gravemente enfermo. A dor me persegue física, psicológica e também moralmente. Pressinto meu inevitável "trânsito" para o Infinito. Espera-me o mais estável e definitivo. Sinto agora, como nunca antes, o valor do tempo, o valor da vida que me resta. É necessário preenchê-los de conteúdo, de significado

duradouro... Quisera que esta hora pudesse representar o momento culminante e mais pleno de minha existência. Quisera ver realizados, aqui, meus desejos profundos de aproximação a Deus, de união com Ele e com meus irmãos.

Faço agora a crítica realista de toda a minha existência anterior. Com nova e insuspeitável luz, vejo diante de mim glórias, belezas, triunfos, realizações brilhantes, ciência, liberdade etc. O "tic-tac" desta hora está aí como um juiz, como um exame de consciência... Falo cada vez com maior dificuldade. Aquilato o valor e o alcance das palavras. A limitação vivida da finitude e do transitório me recorda as advertências do Mestre de *não edificar a vida sobre areia* (Mt 7,24-27), de *não acumular em celeiros corruptíveis* (Mt 6,20), de *trabalhar enquanto é dia* (Jo 9,4).

Nesta hora, tão rica e tão crucial, levanto, uma vez mais, meus olhos para *Aquele que transpassaram*. Na transfixão vejo o ideal que busco e a consistência que me falta. Ali está o ponto central e permanente de toda a História: passado, presente e futuro estão assumidos e consagrados pela hora que Cristo definiu como "a sua" (cf Jo 12,23; 13,1; 17,1). Para Ele, essa hora é lógica e ansiosamente esperada, conclusiva de sua obra e de sua doutrina: *Devo receber um batismo, e como me angustio até que esteja consumado!* (Lc 12,50). Esta hora é, realmente, a única que conta, porque é a síntese ou o desdobramento das demais. Aquela que a antecede é caminho, e a que vem depois é consequência.

Diante do Transpassado, eu, enfermo, sofredor, agonizante, experimento sua atração. Cristo se faz solidário comigo nesta "transição". Sua hora transforma a minha. Sinto-o muito bem: minha instabilidade e finitude se submergem na estabilidade e no eterno-presente da "hora" do Cristo.

Nunca uma profecia me pareceu mais real e consoladora do que a de Zacarias, retomada por São João: *"Olharão para Aquele que transpassaram"* (Zc 12,10, em Jo 19,37). Contemplando-o, me imunizo contra a desesperança e o pessimismo diante de tudo o que acontece e diante do sofrimento. Este careceria de todo o sentido e valor, se não estivesse consagrado pela hora do sacrifício. Contemplo o Transpassado como se fosse um enorme altar, o altar do mundo novo, no qual se oferecem e santificam todas as horas e todos os instantes do sofrimento da humanidade inteira. *Aproximemo-nos, pois, com segurança, do trono da Graça, para conseguirmos misericórdia e alcançarmos graça, no tempo oportuno* (Hb 4,16).

7. O TRANSPASSADO, SÍMBOLO E FORÇA DO HOMEM NOVO

Na nossa opinião, o maior erro do homem moderno consiste em buscar sua realização

(hominização), e a afirmação integral de sua personalidade, fugindo de si mesmo, sem disso se dar conta. Pretende-se construir uma nova humanidade partindo de simples mudanças de estruturas, mediante a destruição das instituições e a "criação" de situações sociais, econômicas e políticas, capazes de garantir e promover o desenvolvimento homogêneo de um homem ávido de auto-afirmação nas suas múltiplas dimensões existenciais.

Cada dia, e quase a cada instante, encontramos o ser humano com o coração destroçado, dilacerado e dividido interiormente. Esse homem representa um enigma para si mesmo...²⁸. Além disso, sofremos e choramos sob o crescente jugo das manipulações, das injustiças e das opressões. Não é difícil comprovar o esforço para inculcar brutalmente, no homem, ideologias e sistemas incompatíveis com a sua dignidade e a sua liberdade. Cultiva-se assim um campo fértil para os messianismos fáceis e utópicos. Procura-se fascinar o homem, abatido interior e exteriormente, com a promessa de um porvir de realização integral, pelos atalhos de atitudes revolucionárias e de protesto.

O homem mesmo - dizem - será o artífice de seu paraíso terrestre na medida em que se livre de todos os empecilhos que possam aliená-lo ou distanciá-lo de sua única realidade: sua existência atual e histórica. Ele mesmo será o seu próprio "deus" à medida em que se afirme como homem. Neste contexto, as conquistas técnicas exerceram, e ainda exercem, sobre o homem, uma fascinação fortíssima na ilusão²⁹.

As correntes otimistas e ilusórias, no entanto, vão chocar-se frontalmente contra o que poderíamos chamar de aniquilação. Ensina-se impudicamente a morte de Deus, o ceticismo do desespero, o absurdo e a náusea, o desvario diante do vazio absoluto, a rendição frente a si mesmo como "paixão inútil"... e tantas outras afirmações negativistas. Para esses, a vida humana é uma tragédia sem epílogo.

Os niquilistas, não raro, são muito apreciados, até pelas pessoas que sofrem, nas regiões mais humildes, menos cultivadas e mais desfavorecidas. A situação trágica do homem moderno viria provar a tese da eterna renovação e da reencarnação cíclica, segundo eles. Aceita-se a dor como um fato em si mesmo. É puro fatalismo. Desta maneira, o homem se perde num mundo de opiniões e de situações conflituosas. Buscando a promessa e a libertação tão sonhadas, cai no isolamento, no vazio interior, na dispersão e, não poucas vezes, na frustração total.

Enquanto não recorrermos à realização do homem *como totalidade*, como pessoa e como ser aberto a Deus e ao próximo, jamais sairemos dessa situação deprimente. Aqui, precisamente, o Transpassado constitui, para o homem moderno, o mais sublime dos ideais. Ele não é somente um símbolo, mas também a força do homem novo³⁰. O Transpassado é

símbolo, sinal e garantia da vitória que já começa a aparecer. Das humilhações do Transpassado brotam as primícias de uma Humanidade nova, impregnada de um novo princípio vital: a força da ressurreição.

São João aprendeu a lição do divino Mestre: no mistério do Coração ferido do Cristo devemos buscar a luz e a força vital para compreender e reparar o coração rompido do homem. O mistério do Transpassado dá sentido e ilumina o mistério próprio do homem. Este homem que se encontra preso, no afastamento ou na negação radical de Deus.

No Transpassado o homem encontra o acesso a um Deus invisível, atravessando o limite de sua ação amorosa em favor da humanidade: *Nisto conhecemos o Amor: Ele deu a vida por nós. Por isso, nós devemos dar a nossa vida pelos irmãos* (1Jo 3,16)... *Mais: Nisto consiste o amor... Ele nos amou primeiro e enviou-nos o seu Filho como vítima de expiação pelos nossos pecados* (1Jo 4,10). E ainda: *E nós temos conhecido o amor de Deus por nós, e nEle acreditamos*" (1Jo 4,16).

O Cristo, morrendo por todos os seres humanos, é evidentemente o "Deus-conosco", e seu Coração ferido é testemunho e lembrança da aproximação de Deus ao homem. Aqui se cumpre o "Eis-me aqui", muito perto do homem sedento de Deus, porém distante dEle. Pela humanidade do Cristo, terrivelmente ferida, alcançamos a *plenitude mesma da Divindade* (Cl 3,9).

O "aperuit" (abriu - escancarou) parece indicar o caminho mais curto e mais seguro para encontrarmos a Deus: "Vosso Filho crucificado foi atravessado pela lança, para que o seu Coração aberto... constituísse o descanso para os justos e o refúgio para os pecadores"³¹. Aliás, é o próprio Cristo quem se apresenta como o caminho que conduz a Deus: *Quando eu for elevado da terra, atrairei todos a mim* (Jo 12,32). *Eu sou o caminho... Ninguém vai ao Pai senão por mim*" (Jo 14,6).

Isaías e o Salmo 22 nos descrevem o homem das dores com um colorido espantoso, porém realista: *Desprezado e abandonado pelos homens, um homem sujeito à dor, familiarizado com o sofrimento, como uma pessoa de quem todos escondem o rosto, desprezado, não fazíamos caso dele... Não tinha aparência nem presença... Quanto a mim, sou verme, não homem, riso dos homens e desprezo do povo*" (cf Is 53,2-5; Sl 22,7).

Este Cristo sofredor pode chegar a ser o maior consolo para o homem desumanizado e oprimido de nossos dias. Oxalá o homem soubesse superar a sua situação mediante o abandono nAquele que o precedeu no caminho da aniquilação e da humilhação.

Desta maneira, todos os sofrimentos se transformariam em meios para fazer com que morra o "homem velho" e surja o "homem novo", o homem animado pela nova força da ressurreição, que vive

para a glória de Deus Pai: *Porque, se nos tornamos uma coisa só com ele por uma morte semelhante à sua, também o seremos por uma ressurreição semelhante* (Rm 6,4-5).

Pela identificação com o Transpassado, permitimos que se complete em nós esse homem *verme, não homem* (Sl 22,7). É necessário haver um despojamento de nossa corrupção: o delírio da auto-suficiência e da auto-idolatria deve confrontar-se com o aniquilamento (*kênosis*) do Cristo. O desespero e a náusea se tornam esperança; o desvario transforma-se em estabilidade; e a vida, desabrocha em plenitude.

Uma mudança radical deve efetuar-se pela água e o sangue que brotaram do lado aberto. É a visão de São João e de São Paulo: a sedução do erro cederá seu lugar à inspiração que renovará a compreensão do nosso ser. Surgirá, então, o verdadeiro *homem novo*, criado segundo Deus *na justiça e na santidade da verdade* (Ef 4,22-24). O coração do Cristo se erige, assim, em sinal profético e em força vital para o homem novo, de hoje e de amanhã.

Enquanto o homem moderno se isola e se camufla, o Senhor Transpassado se apresenta francamente e se comunica: *Vinde a mim todos* (Mt 11,28), *atrairei todos* (Jo 12,32), *sabereis que EU SOU* (Jo 8,28). O Senhor Jesus não é somente símbolo do homem *novo*, que deverá sair de seu isolamento pernicioso e das máscaras. É muito mais que isto. É a própria força ativa da comunicação fraternal e amigável e da entrega individual e social. É a razão de ser do homem novo, sem máscara: leal, autêntico, transparente...

Para conseguir isto, é necessário que o homem, tão desprezado, se encha do Espírito do Cristo e da aceitação da sua mensagem: *Se alguém tem sede, venha a mim, e beba quem crê em mim. Como diz a Escritura: de seu seio jorrarão rios de água viva. Ele falava do Espírito que deviam receber os que nele cressem; pois não havia ainda Espírito, porque Jesus não fora ainda glorificado* (Jo 7,37-39).

Desse modo, renovado pelo Espírito do Cristo glorificado, surge o homem novo, uma nova imagem do homem, um homem de "coração novo": coração aberto, entregue, fraternal, pacífico, sereno, livre, translúcido, confiante, transbordante de fé e de esperança. Este coração novo é o coração segundo o Coração do Cristo: cheio de amor, cheio de Deus.

*"Das humilhações
do Transpassado
brotam as
primícias de uma
Humanidade nova"*

NOTAS

¹ Cfr. "Mensagens do Concílio à Humanidade", p. 742, em "Concílio Vaticano II. Constituições, Decretos, Declarações, Documentos Pontifícios Complementares", Madrid, BAC, 1966

² "... faça-nos arder no santo amor, pelo qual, atraídos sempre para o Filho, aprendamos a reconhecê-lo nos irmãos", cf. Missal Romano, Solenidade de Coração de Jesus

³ Cfr. *Gaudium et Spes*, 1

⁴ Cfr. "Mensagens do Concílio à Humanidade", ed. cit., p. 742.

⁵ MARCEL, Gabriel: "Lettre à Elisabeth N.", em *Dialogues avec la souffrance*, Paris, Spes, 1968, p. 65

⁶ "Mensagens do Concílio à Humanidade", ed. cit., ibidem

⁷ "Sacrosanctum Concilium", 5; "Lumen Gentium", 3.

⁸ PAULO VI: "Diserti interpretes facti", citado segundo "Il Messaggero del Sacro Cuore", 1965, p. 452.

⁹ Cf. Pio XII, *Haurietis Aquas*, in AAS, 1956, p. 339.

¹⁰ Cfr. TROMP, Sebastian, s.j.: *Sacratissimum Cor Jesu et Ecclesia, Corpus et Sponsa Salvatoris*, in "Cor Jesu", vol. I, pp. 243-267; TESSAROLO, Andrea, s.c.j.: *L'oggetto del culto al Sacro Cuore presso i Padri greci e latini*, in "I Congresso Internacional sobre o Culto ao Sagrado Coração de Jesus - Barcelona 21-29 de outubro de 1961 - Sessões de estudo", Barcelona, Basilica do Sagrado Coração de Jesus, 1964, pp. 104-122; RAHNER, Hugo, s.j.: *Gli inizi della devozione al Sacro Cuore di Gesù nell'età patristica*, in STIERLI, Joseph, s.j.: *Cor Salvatoris*, Brescia, Morcelliana, 1956.

¹¹ Pio XII, *Haurietis Aquas*, in AAS, 1956, p. 339.

¹² "O livro de Ubertino de Casale fala tão clara e magnificamente do Sagrado Coração de Jesus, como se tivesse sido escrito no século XVII, depois das revelações do Salvador à Beata Margarida Maria. Considerando somente a frequência das passagens em que se fala do Sagrado Coração, poder-se-ia acreditar que o *Arbor Vitae* foi escrito no nosso século, se não fosse porque traz em si mesmo a prova evidente do século em que apareceu. Por outro lado, porém, dada a profundidade luminosa de sua doutrina, o livro de Ubertino não poderia confundir-se com a miscelânea de tratados, mais ou menos superficiais, de que é tão fecundo o nosso século". Cfr. DE GREZES, H.: *Le Sacré Coeur de Jésus...*, Lyon/Paris, 1890, pp. 105-106; SCHEID, Eusébio, s.c.j.:

"*Mediaevalis Doctor Cordis Jesu...*", Roma, 1964, pp. XX-XXI.

¹³ *Arbor Vitae Crucifixae Jesu*, L. IV, c. 15, col. 5

¹⁴ Ibidem, c. 24, col. 1

¹⁵ Ibidem, c. 17, col. 1-2

¹⁶ Ibidem, c. 21, col. 8

¹⁷ "Mensagens do Concílio à Humanidade", ed. cit., p. 742.

¹⁸ Ibidem.

¹⁹ THEILHARD DE CHARDIN, Pierre, s.j.: "*Écrits du temps de guerre (1916-1919)*", Paris, Bernard Grasset, pp. 55-57

²⁰ A tradução também pode ser: "que EU SOU". O significado, então, fica ainda mais amplo.

²¹ "Mensagens do Concílio à Humanidade", ed. cit.

²² Cfr. FEUILLET, André, p.s.s.: *Le Nouveau Testament et le Coeur du Christ*, in "L'Ami du Clergé", no. 21, 1964. Do mesmo autor: *Les bases néotestamentaires du culte du Sacré-Coeur*, in "I Congresso Internacional sobre o culto ao S. Coração de Jesus...", op. cit., pp. 94-98; LEFEVRE, s.j.: *La Blessure du côté*, pp. 109-122, in "Le Coeur. Etudes Carmélitaines", Desclée, 1950.

²³ Cfr. MARLE, René, s.j.: *La dévotion au Sacré-Coeur et le sens du péché*, in "Le Coeur du Christ et le désordre du monde", Paris, Mappus, 1958, p. 89

²⁴ *Arbor Vitae*, L. I, c. 12, col. 32

²⁵ Canto popular brasileiro

²⁶ KIERKEGAARD, Sören: "Discours chrétiens", t. II, Roanne, Delachaux et Niestlé, 1968, p. 73

²⁷ Ibidem, p. 39

²⁸ *Gaudium et Spes*, nn. 10 e 22.

²⁹ Ibidem, nn. 19 e 37.

³⁰ "Sob a luz do Cristo, imagem de Deus invisível, primogênito de toda a criação, o Concílio fala a todos para esclarecer o mistério do homem e para cooperar na descoberta de soluções que respondam aos principais problemas de nossa época": *Gaudium et Spes*, n. 10

³¹ cf. Missa do Sagrado Coração de Jesus, Prefácio antigo.

Endereço do Autor:

Residência Arquiepiscopal
Rua Esteves Júnior, 447
99015-530 FLORIANÓPOLIS, SC

CONTRIBUIÇÃO PARA A REVISTA

Continuamos confiando na sensibilidade dos que recebem os nossos ENCONTROS. Este número, novamente se apresenta com farto material, ultrapassando as 90 páginas. Queiram enviar-nos, ao menos, R\$ 5,00 como contribuição, para ajudar-nos a oferecer aos agentes pastorais de Santa Catarina estes subsídios. Como das outras vezes, incluímos um envelope devidamente endereçado. Não se esqueçam de identificar o remetente... e Deus lhes pague.

ENCONTROS TEOLÓGICOS

ITESC - caixa postal 5041

88040-970 FLORIANÓPOLIS, SC